

A DINÂMICA INTERNA DE UM COLÉGIO BRASILEIRO DE ELITE, A PARTIR DAS MEMÓRIAS DE PEDRO NAVA

Cleusa Aparecida Fogaça da Silva *

Rita de Cassia Marchi **

Resumo

Este artigo tem como escopo desvelar aspectos relevantes do mundo escolar brasileiro do início do século XX, por meio da análise dos volumes de memórias *Bau de Ossos*, *Balão cativo* e *Chão de ferro*, do autor Pedro Nava, bem como compreender, pela análise de obra literária, as relações sociais presentes no cotidiano escolar e entender o contexto escolar como meio de formação humana. Para compreender como era a escola, nas obras em estudo partiu-se dos seguintes pressupostos: o escritor é conduzido a agir como mediador das estruturas sociais que chegam à objetivação por meio do trabalho literário, e a análise de uma obra permite tirar proveito das propriedades do discurso literário para introduzir, simultaneamente, uma socioanálise da literatura e do mundo social, no caso, o mundo escolar. A metodologia, de cunho qualitativo, caracterizou-se como pesquisa bibliográfica, com análise documental e com fontes testemunhais. Procurar compreender a dinâmica interna de um colégio brasileiro de elite durante a primeira década do século XX, por meio da análise de uma obra literária, é relevante em razão do caráter exemplar das obras em questão.

Palavras-chave: Pedro Nava. Educação. Colégio Pedro II. Literatura. Memória.

INTRODUÇÃO

Neste artigo partimos da suposição de que a literatura nos dá a conhecer e/ou compreender aspectos e mecanismos sociais do mundo em que vivemos. Isto porque o escritor é conduzido a agir como mediador das estruturas sociais que chegam à objetivação por meio do trabalho literário (BOURDIEU, 1996). Presumimos, portanto, que a análise de uma obra literária nos permite tirar proveito das propriedades deste tipo de discurso - o literário - para introduzir uma análise do mundo social. Assim, este artigo apresenta aspectos relevantes de uma escola de elite do início do século XX no Brasil, a partir da análise sociológica da obra memorialista de Pedro Nava na qual o autor descreve seus tempos de estudante no Colégio Pedro II, no Rio de Janeiro, de 1916 a 1920. As memórias de Nava, nas

* Mestre em Educação pela FURB. Email: cleusa_fogaca@yahoo.com.br

** Doutora em Sociologia Política. Professora do Mestrado em Educação da FURB e do Departamento de Ciências Sociais e Filosofia. E-mail: rt.mc@bol.com.br

obras aqui tratadas, trazem à luz a dinâmica interna do regime de internato no Colégio Pedro II: horários, regime de punições e recompensas, disciplinamento e vigilância, currículo, didática, legitimidade social dos mestres, relações entre estudantes e entre estes e os professores. Neste sentido, sua obra permite recompor as múltiplas relações presentes no mundo escolar que fazem deste um microcosmo com funcionamento e regras próprios no que diz, especialmente, respeito às relações interpessoais, de poder e de hierarquia. É razoável considerar a hipótese, portanto, de que o estudo da dinâmica escolar de um colégio, em particular o Colégio Pedro II, em uma determinada época - início do século XX - auxilia no resgate da gênese de processos sociais ainda presentes no mundo escolar contemporâneo e que, assim, este resgate nos permite melhor compreendê-los. Isto é, compreendendo o contexto escolar como meio de formação humana, o relato particular e pessoal de uma determinada experiência escolar é aqui ampliado para produzir conhecimento da dinâmica e das relações sociais presentes no cotidiano de uma instituição escolar de elite no Brasil no começo do século XX, iluminando aspectos da realidade escolar ainda atuantes em nossa sociedade.

Para Antonio Candido (2000) o estudo sociológico da arte ajuda a compreender a formação, a criação e o destino das obras. Isto porque a literatura pode ser compreendida como um sistema vivo de obras que agem sobre os leitores e umas sobre as outras; obras que só vivem na medida em que são vividas, decifradas, aceitas ou transformadas. Deste modo, a análise ou interpretação sociológica da obra memorialista de Pedro Nava neste artigo contribui também para manter viva uma obra no muito que pode contribuir para a compreensão do mundo escolar brasileiro de elite no início do século XX no Brasil, assim como na atualidade, em seus mais variados aspectos.

PEDRO NAVA E SUA OBRA MEMORIALÍSTICA

Pedro da Silva Nava nasceu em Juiz de Fora (MG) em 05 de Junho de 1903. Filho do médico José Pedro da Silva Nava e de Diva Mariana Jaguaribe Nava, Pedro Nava fez os estudos primários em Juiz de Fora (MG), no Colégio Andrés e Colégio Lucindo Filho e em Belo Horizonte (MG) no colégio Anglo Mineiro. Pedro Nava ficou órfão de pai aos 8 anos de idade, em 1911, quando a família morava no Rio de Janeiro para onde se mudara para acompanhar a recém iniciada carreira do pai que morreu aos 35 anos. A mãe de Pedro Nava, dona Diva Mariana, viúva e grávida voltou a morar na casa materna, em Juiz de Fora, dos favores da mãe, precisando assumir sozinha a educação dos filhos. Para garantir os estudos

destes e sair da condição de rebaixamento social que a morte precoce do marido acarretara, dona Diva precisou mobilizar seu capital cultural e social recorrendo à ajuda dos tios paternos de Pedro Nava no Rio de Janeiro. Esses tios valeram-se do capital social de que dispunham para conseguir a matrícula do menino no conceituado Colégio Pedro II, onde Nava ingressou como interno no ensino secundário em 1916. Mais tarde, em 1921, voltou para Belo Horizonte para cursar Medicina, formando-se em 1928. Amante das artes revelou gosto e talento para a literatura e a pintura, destacando-se na caricatura. Em 1968, aos 64 anos, iniciou a escrita de suas memórias no que hoje compõe sua obra memorialista: *Baú de Ossos*, *Balão Cativo*, *Chão de Ferro*, *Beira-Mar*, *Galo-das-Trevas* e *O Círio Perfeito*. Pedro Nava deixou também muitos escritos sobre medicina. Foi professor emérito de reumatologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro da Academia Mineira e da Academia Nacional de Medicina, membro honorário e presidente da Sociedade Nacional e Sociedades Internacionais de Reumatologia, dentre outras titulações. Atou como médico na Policlínica do Rio de Janeiro até 1975. Faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de Maio de 1984, cometendo suicídio.

O CÂNONE RESTRITO

O estudo a que este artigo se reporta compreendeu a análise das obras *Baú de Ossos*, *Balão Cativo* e *Chão de Ferro*. A escolha destas obras justifica-se por configurarem “literatura de formação”; isto é, um tipo de romance que trata das experiências pelas quais passam os personagens durante os anos de sua formação ou educação, rumo à maturidade. (MOISES, 2000). Neste caso, as obras citadas tratam da vida escolar de Pedro Nava, da infância ao ensino secundário, concluindo com o seu ingresso no curso superior de Medicina.

Baú de Ossos (1972) foi o primeiro livro de memórias de Pedro Nava. Nessa obra o autor descreve sua ascendência e também relata a breve passagem por uma escola primária no Rio de Janeiro, a estadia nesta cidade e a convivência com os tios paternos. Relata ainda o retorno da família à Juiz de Fora (MG) após a morte precoce do pai, em 1911.

Em *Balão Cativo* (1973) Nava narra a chegada da família a Juiz de Fora. Em 1913, com a morte da avó materna, a família parte para Belo Horizonte, onde o menino vai estudar no Colégio Anglo-Mineiro. Com o fechamento desse estabelecimento o estudante retorna ao Rio de Janeiro para fazer o estudo secundário no Colégio Pedro II. Em *Balão Cativo*, “a vida escolar será o motivo primeiro” das memórias de Pedro Nava. Pois, neste livro, “Ele reconstitui a sociedade mineira a partir de 1910, analisa a sociedade em geral, a

família em particular, e a escola, que é o reflexo dessa sociedade”. (GARCIA, 2001, p. 01).

Em *Chão de Ferro* (1975) o autor narra sua vida escolar, que se estende até 1920, no Colégio Pedro II, a partir da sua vivência de adolescente e estudante interno nesta instituição. Apresenta a rotina dos primeiros dias de aula, os mestres, a vida no Rio de Janeiro, as férias em Belo Horizonte e, enfim, a conclusão do ensino secundário e o retorno a esta cidade para cursar medicina.

O IMPERIAL COLÉGIO PEDRO II

A criação da instituição de Ensino Secundário - Colégio Pedro II – no Rio de Janeiro, em dois de dezembro de 1837, com uma proposta educacional de tradição humanística, teve a finalidade de servir de modelo curricular para as demais instituições de ensino secundário do país que tinham a função de preparar candidatos ao ensino superior e contribuir para a formação educativa da classe dirigente da nação. Essa foi a escola eleita pela mãe e tios de Pedro Nava que mobilizaram diversas estratégias para que o menino ali cursasse o ensino secundário.

O tio Modesto, com quem o menino passou a morar no Rio de Janeiro, foi quem o levou para o exame de admissão no Colégio Pedro II. Foi também quem fez a mediação com o amigo e Senador Luís Soares dos Santos para conseguir a gratuidade nesta instituição e quem acompanhou Pedro Nava no primeiro dia de internato. Em suas memórias Nava (BC, p. 275) recorda que, quando desceram em frente ao edifício, “[...] paramos e olhamos o colégio. Todo anil, alegorias na platibanda, estuque fazendo bronze – o letreiro colossal pintado logo abaixo: *INTERNATO DO COLÉGIO PEDRO II*”. O autor retrata aqui o momento de encantamento, de fascínio, de pura admiração ou mesmo de sedução do estudante pelo estabelecimento de ensino no qual adentrava. Ele recorda que contou as aberturas do prédio (o número de janelas e portas), que observou os batentes, os adornos, a imponência da cor azul anil e, para traduzir suas primeiras impressões da imponência que vislumbrava, apostou na metáfora: “[...] uma sacada de prata correndo de fora a fora, dando uma impressão tão flauta e tão som que aquilo era menos uma sucessão de gradis que aparência das dobras dum bojo de bandoneon esticado cantando dum canto ao outro da casa; [...]” (BC, p. 275)¹.

¹As citações da obra memorialística de Pedro Nava serão indicadas pelas iniciais dos títulos dos volumes, de acordo com as edições utilizadas: BO para Baú de Ossos/memórias/1 (1983); BC para Balão cativo/memórias/2 (1977) e CF para Chão de ferro/memórias/3 (2001).

Transcorrido esse primeiro encantamento com a aparência externa do colégio, dá-se a entrada nele: “[...] muito à vontade, entrei banzando no luxuoso vestíbulo branco”. (BC, p. 275). Ao entrarem, neste primeiro dia, o porteiro Faria perguntou ao menino “sua graça” e, remexendo numa resma de cartões, entregou-lhe o cartão de matrícula com o nome e a assinatura do Diretor. Esse cartão seria o mesmo utilizado depois para autorizar as saídas do colégio. De acordo com Nava, [...] “na aventura do primeiro dia do colégio [...]”. (BC, p. 275), ele e o tio percorreram o trajeto que seria depois, por muitos anos, somente o dele, menino. Nava demonstra não ter sentido medo ou insegurança nesse primeiro dia de escola nova, ao contrário, afirma ter se sentido “muito à vontade”. Esta familiaridade com o ambiente escolar parece advir de sua experiência anterior como aluno no *Gymnasio Anglo-Mineiro* (do sistema de ensino privado de Belo Horizonte e de metodologia inglesa). O seu bom desempenho nesta escola pode ser comprovado pela carta que o menino enviou à mãe em 8 de março de 1914: “Tenho gostado muito daqui do collegio e dos professores que são muito bons. Um dia vou à natação e outro ao “Foot-Ball.” [...] Tenho aprendido Inglez bem e não fico preso porque presto atenção.”² Isso parece justificar a razão da naturalidade que o menino demonstrou ao adentrar no recinto escolar do Pedro II.

Ficar à vontade, sentir-se bem num ambiente ao mesmo tempo estranho e novo, próximo e familiar, pode ser entendido pelo que Bourdieu (1994) considera uma “forma particular de competência a que chamamos gosto” e que “é um produto da educação”. Para este autor, “[...] O aprendizado quase natural e espontâneo da cultura se distingue de todas as formas de aprendizado forçado [...] pela modalidade da relação com a cultura que ele favorece [...]” (BOURDIEU, 1994, p. 95- 97) Esse “aprendizado quase natural” permite produzir uma relação familiar, próxima e desinibida com a cultura. Esta é vista como um bem de família, algo que conhecemos e que nos pertence, algo que herdamos. Bourdieu exemplifica que o piano da família ouvido desde a infância é que nos revela o que é a música, e a relação com a pintura se dá pelo cenário do universo familiar e não com as obras dos museus que descobrimos no decorrer da vida escolar. Assim, o contexto sociocultural e familiar de Pedro Nava foi o que lhe possibilitou “estar à vontade” no novo colégio; isto é, foi o que lhe permitiu demonstrar naturalidade e identificação com o luxuoso ambiente branco do Colégio. Isto remete, seguindo a análise sociológica de Bourdieu, ao capital cultural *incorporado* pelo agente social. Ou àquilo que este sociólogo da educação denominou *habitus*: apropriações e

² Correspondência familiar encontrada no Arquivo Museu de Literatura Brasileira – Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ). Material coletado em viagem de estudos em junho de 2010.

assimilações de um modo de ser e viver experimentado no contexto familiar. Senão, vejamos que o próprio Nava declara estar na sua família a origem desta familiaridade com a arte e a cultura em geral: “Amante das artes plásticas desde cedo, educado no culto do belo pelas pinturas das tias, das primas e pelas composições fotográficas do seu Lemos, amigo do meu pai – [...]” (BO, p. 288).

Assim, para o menino não causavam estranheza e eram facilmente reconhecidos os ambientes que veiculavam a cultura de elite. Foi por isto que, neste primeiro dia de colégio, atentou para detalhes como a “[...] dignidade da escada” e sua “[...] borda dos degraus guarnecida por chapa dourada, sempre brunida pelas solas, onde se abriam as letras I. C. P. II.” (BC, p. 283). O recém chegado aluno Pedro Nava estava ingressando em um novo ambiente escolar, mas um ambiente que, em seu luxo, não era diferente do anterior, em Belo Horizonte. Estava em uma escola que condizia com o que ele e sua família esperavam para sua condição social e cultural e, por isto, a familiaridade com o novo espaço. Para Bourdieu (1996, p. 22) o *habitus* se define também como “princípios geradores de práticas distintas e distintivas”. Sendo assim, pode ser compreendido como “um sistema de disposições duradouras adquirido pelo individuo durante o processo de socialização. As disposições são atitudes, inclinações para perceber, sentir, fazer e pensar, interiorizadas pelos indivíduos em razão de suas condições objetivas de existência, e que funcionam, então, como princípios inconscientes de ação, percepção e reflexão.” (BONNEWITZ, 2003, p. 77).

A VIDA ESCOLAR NO COLÉGIO PEDRO II: UMA RECEPÇÃO NADA ACOLHEDORA

O aluno ingressante teve como primeira impressão do novo ambiente escolar a de um recinto de luxo, magnífico; porém, o funcionário da instituição que o recebeu o fez “aos berros”, como conta o próprio Nava: “Eu estava zozzo do destampatório do homem, de ser descomposto ao passo que era tratado de senhor”. (BC, p. 276). Nava estranha esta falta de modos do porteiro, pois isto era muito diferente do que vivenciava em casa, já que vinha de um ambiente em que havia uma relação respeitosa entre as pessoas: “... Jamais ouvi maledicência veiculada por meus pais e meus tios [...] A conversa geral era cheia de preferências pelas idéias pelas coisas e causas nobres, pelos assuntos intelectuais – estes, versados simplesmente, como moeda de todo dia.” (BO, p. 369). Assim, o menino supôs que os bons modos aprendidos em casa deveriam também imperar no distinto recinto ao qual adentrava como aluno. Mas, não foi isso que encontrou logo de início. O menino não entendia o que estava acontecendo, pois não condizia nem com suas expectativas, nem com o requinte

e prestígio do ambiente. Recorreu, então, ao tio que o acompanhava para tentar compreender o que se passava: “Virei-me para o Modesto como a pedir socorro. Mas parece que ele estava achando tudo normal e apenas tirou da algibeira uma bolsinha de prata de onde sacou uma moeda de dez tostões que passou às minhas mãos. Isso é para seu bonde no dia da próxima saída”. (BC, p. 276). E o tio, ainda, apenas advertiu-o: “Não se esqueça da volta deste caminho que fizemos porque você de hoje em diante vai ter de se safar sozinho neste Rio de Janeiro. Até sábado. Pé direito para subir”. (BC, p. 276). O menino, de agora em diante, estava só.

A crença das famílias na escola como depositária das suas expectativas em relação à educação e o futuro bem sucedido dos herdeiros, faz com que pais e estudantes vejam sem estranheza o ambiente escolar. Com isso pode-se compreender a atitude do tio Modesto em relação ao ocorrido com o sobrinho. Não ousou interferir nem questionar a atitude do porteiro da escola e colocou sobre o menino o encargo de se cuidar. A ruptura familiar foi estabelecida. A mãe e os irmãos estavam distantes. Era outra cidade. O tio determinou de vez, para o menino Nava, o ato da separação. Dali em diante ele teria que decidir sozinho suas ações e enfrentar a vida na nova escola. O desejo de boa sorte do tio é evidenciado pela expressão “pé direito para subir”, como se apenas isso bastasse para encorajá-lo. Mas ele ainda tentou prolongar o momento da despedida, livrar-se do engasgo que lhe causou a atitude do porteiro e novamente foi escorraçado. Surpreso, atônito, ele precisava seguir em frente: “Entre colégio adentro, sozinho. Vareei escadarias, sozinho. Errei caminhos sozinho e sozinho dei no corredor e na porta certa.” (BC, p. 276). A solidão aliou-se a ele de forma marcante. Vir sozinho de Belo Horizonte para o Rio de Janeiro ainda não tinha sido sentido como peso. Agora sim. “Solidão e sozinho” são palavras constantes na narrativa das memórias e carregadas de muito sofrimento, completando o que o autor muitas vezes determina como seu martírio: “Sozinho achei o dormitório [...]. Eu era o náufrago Pedro da Silva Nava, aluno 129, primeiro ano efetivo, quarta divisão do Internato do Colégio Pedro II. Mudei de traje, fazendo força para não chorar nas praias daquela ilha deserta e desci só [...]”. (BC, p. 277).

O novo aluno, o “náufrago” Pedro Nava, era agora interno do majestoso colégio da elite brasileira. O internato parecia ser à época o sistema ideal para uma boa educação. Assim, para a mãe e os tios tudo estava resolvido. Segundo Foucault (1987, p. 122). “[...] o internato aparece como o regime de educação senão o mais frequente, pelo menos o mais perfeito”. Nessa perspectiva, parece que às famílias que lutam pela manutenção do seu capital econômico, social e cultural é inevitável ou primordial enviar seus filhos para tais instituições, apoiados na crença de uma educação sólida e socialmente reconhecida como padrão. De

acordo com Bourdieu (1996), a escola difunde o capital escolar - saber genérico e específico que tem a incumbência de capacitar seu portador para o trabalho - e constitui espaço para os alunos construírem uma rede de relações sociais que pode ser muito útil na carreira profissional. Para Bourdieu, ainda, a relação entre família e escola pode determinar o sucesso ou o fracasso escolar do estudante e, assim, se estabelece a importância da cooperação entre estas duas instituições.

A SUPREMACIA DOS VETERANOS

Os primeiros dias na escola nova foram de grandes dificuldades para o novo aluno, pois este foi posto à prova pela recepção nada acolhedora dos veteranos e dos profissionais da escola. Como todo novato também, o menino Nava, foi submetido ao trote estudantil. A costureira acolhida que era dada aos novatos, com a anuência dos inspetores, era constrangedora e só servia mesmo para que o “bicho indecente”, segundo declaração dos próprios veteranos para Nava, respeitasse a hierarquia estabelecida: “E fique sabendo que bicho aqui não tem a menor regalia. [...]”. Assim, o menino concebeu “[...] o organismo do colégio como divindade hindu, como um ser de cabeça de ouro, peito de prata, barriga de bronze, pernas de zinco e pés de barro. Eu era do barro vil dos pés. Bicho [...]”. (BC, p. 279). Esse organismo, assim concebido por Nava, parece possível de ser entendido como a existência de uma hierarquia entre os estudantes, atribuindo categoria ouro aos alunos bacharelados, prata aos do 4º ano, bronze aos do 3º ano, zinco aos do 2º ano e barro para os ingressantes do 1º ano. Essa constatação do estudante quanto à posição inferior que ocupava na ordem escolar, por ele interpretada, decorre do fato de que o ingresso e ambientação em uma escola desconhecida é um processo que envolve se apoderar de uma nova cultura, processo que pode ou não ser apreendido pelo novato.

O processo de adaptação no ambiente escolar do aluno novato nem sempre recebe a devida atenção dos docentes para que ocorra em uma integração motivadora da boa convivência e de forma pacífica. O aluno “novo”, seja por ser de uma série inferior, seja por vir de outra instituição, é visto como um estranho que pode ameaçar a estrutura das relações de poder e de amizade já legitimadas pelos alunos veteranos; isto é, pode ameaçar sua supremacia. É preciso, assim, mostrar ao novato qual é seu lugar, o que pode e não pode fazer, com quem pode contar e com quem não deve se meter. Isso não ocorre sempre de maneira explícita no contexto escolar, mas sob diversas formas de abordagens e demonstrações de força, podendo ser resolvido com briga, com a conquista de uma garota,

com a liderança de um jogo, entre outras. Neste caso, a aplicação do “trote” como um ritual de mostrar ao novato o seu lugar é, no relato de Nava, assim como na história das instituições escolares, exemplar.

Pedro Nava relata que, após ter sofrido o trote de entrada no Pedro II, passou por um período de introspecção e sofrimento individual, na solidão de “bicho indecente³”. Relata ainda que, nessa ocasião, sentiu pela primeira vez desejo de morte, pois nada amenizava a humilhação e a dor sofridas no ritual imposto. Uma dor ao mesmo tempo física e moral:

Não dormi logo. Comecei a pensar naquele dia nefasto. A despedida de meu tio, à porta, tinha cem anos, jazia em passado remoto. No presente, como na selva de Dante, [...]... Estava no mato sem cachorro... Sentia-me literalmente escangotado do bolo-humano. O corpo me doía das pancadas, a cabeça das cacholetas e das chulipas. A alma se me torcia sobre as chamas da injustiça e do rebaixamento. [...] Sentia-me decaído das grandezas do Anglo e rolando na malaporca de cafajestada em que virara minha vida. (BC, p. 284).

A humilhação e dor física causadas pelo trote quebram a expectativa dos que chegam ao estabelecimento de ensino, eufóricos e entusiasmados em conhecer e fazer amigos e participar das aulas. Foi assim que se sentiu Pedro Nava: “[...] percebi, naquela hora, que minha Mãe, mesmo na nossa simplicidade, entalhara em mim, nos meus irmãos, nas minhas irmãs, certas baldas de grão-senhores e grandes-damas que estavam entrando em choque e se arrepiando com as humilhações da realidade presente.” (BC, p. 284). A frustração do ingressante fica redobrada, pela anuência da escola, em relação aos maus tratos praticados pelos alunos veteranos. Assim aconteceu com o estudante Pedro Nava: “Mas os tímpanos vibraram chamando. Os inspetores, sumidos durante o trote, reapareceram aos berros. Em forma! Já em forma!” (BC, p. 279).

Mattoso (1985), em estudo sobre a história do trote estudantil, afirma que desde a origem das primeiras universidades, o trote, sob suas diversas denominações e com as mais diversas formas de aplicação, foi utilizado pelos alunos veteranos como meio de demarcação de território, determinação de poder e também “expressão de sadismo e

³Em estudo sobre o trote estudantil, Vasconcelos (1993) afirma que a agressividade do trote se constrói já a partir da linguagem e, assim, a expressão “bicho” com que os veteranos denominam os novatos tornou-se corrente nas escolas e universidades.

masoquismo”. Este autor discorre sobre os muitos motivos que levavam os alunos veteranos a aplicar o trote, mas sintetizando este longo estudo, cabe dizer que os alunos novos, por serem oriundos de outras regiões, de outras culturas e classes sociais já englobavam motivo suficiente para gerar hostilidade, rixas, provocações, disputas físicas e intelectuais. Pode-se entender, assim, que os trotes realizavam-se como uma espécie de cerimônia de “purgação” da rusticidade e ignorância que os novatos supostamente portavam (LE GOFF 1989 apud VASCONCELOS, 1993). O aluno novo precisa, então, passar pelo desafio de se adaptar ao novo contexto escolar e respeitar os já iniciados. Mas, o calouro muitas vezes “aceita” a aplicação do trote ao ser persuadido de que ele poderá aplicá-lo em outros nos próximos anos, e assim estará vingado. Na narrativa de Pedro Nava esta possibilidade da vingança também se fez presente: “Logo no princípio de abril voltei para o nosso Campo de São Cristóvão. Foi uma entrada triunfal. Revi os amigos. Juntamo-nos para fazer com aqueles merdas dos bichos de 1917 as mesmas brutalidades que tínhamos sofrido em 1916”. (CF, p. 118). Este relato de Nava confirma assim a violenta supremacia dos veteranos (da qual ele agora participava) em relação aos novatos:

[...] corri a ajudar os colegas que cercavam espantados bandos de bichos indecentes! Submetendo-os à cacholeta regulamentar, aos cascudos, aos murros, esmagando alguns sob as pirâmides do bolo humano; levando aos arrancos os eleitos para o *suplício chinês*. Gozei prodigiosamente quando expliquei a um mais contundido, que fora se desalterar no bebedouro, as hierarquias do colégio. Que bicho não tinha a menor regalia, etc. etc., exatamente com a superioridade olímpica do Santa Rosa me ministrando, há um ano, as mesmas informações. E não sabendo dar o esguicho d’água que aquele colega seringava nas caras descuidadas – terminei minha lição com um bem aplicado calça-pé que estatelou o bestalhão no cimento, como no cimento me achatara outrora, agora o meu compadre, amigo, cúmplice – o grande Andréa. (CF, p. 119).

O PRIMEIRO DIA DE AULA E A PRIMEIRA PRIVAÇÃO DE SAÍDA

Eram as aulas, eram as aulas, as aulas! Tio Salles tinha me prevenido de que eu ia sentar num verdadeiro banquete e ter como mestres os homens mais insignes do Brasil. Entramos. Acomodado na minha carteira, pronto para saborear como se estivesse num cinema [...] (BC, p. 279).

No primeiro dia de aula, o novato Pedro Nava, já interado do programa do primeiro ano, esperava ansioso pelas aulas: “[...] sentei regaladamente, vi o Goston assumir seu trono e abri olhos, boca e orelhas para beber suas palavras.” (BC, p. 280). Mas, como

novato, Nava cometeu o equívoco de considerar que Goston, um mero inspetor de alunos, sem instrução, fosse professor do Colégio: “Não sabia ainda de sua condição mais que humilde de funcionários mal pagos e famélicos, de pobres-diabos geralmente pertencendo a um nível social e a um plano de instrução inferior ao de grande parte dos alunos que eles tinham de guardar [...]” (BC, p. 279). E foi assim que cometeu a “gafe” que lhe acarretou sua primeira privação de saída, pois seu equívoco foi tomado pelo inspetor como deboche e desacato quando o menino, diante do homem em silêncio que ocupava o estrado à frente da sala, lhe perguntou qual disciplina ministraria. O inspetor, enfurecido por se sentir desacatado por um novato logo no primeiro dia de aula, foi rápido e incisivo: “(...) Muito bem, sábado o senhor não tem saída.” E anotou no livro das punições: “(...) desrespeito grave e tentativa de aviltamento do seu inspetor. A privação será completa (...) a minha - em que o desgraçado gramava até segunda-feira.” (BC, p. 281).

A punição para garantir a disciplina, o respeito e a obediência nas instituições de ensino era aceita pelos alunos e pelas famílias com certa naturalidade. Para Foucault (1987, p. 149) é utilizada a título de punição toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e a pequenas humilhações: “[...] que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora”. O que se pode entender é que qualquer lapso, qualquer mínimo desvio de conduta, possa ser passível de punição e assim também, tudo no aparelho disciplinar possa servir para punir. Para esse autor, ainda, “Pela palavra punição, deve-se compreender tudo o que é capaz de fazer as crianças sentirem a falta que cometeram, tudo o que é capaz de humilhá-las, de confundi-las... uma certa frieza, uma certa indiferença, uma pergunta, uma humilhação, uma destituição de posto”. (FOUCAULT, 1987, p. 149).

Em relação à disciplina, em seu discurso na cerimônia de abertura das aulas, na entrega do decreto que regulamentou a instituição, o Ministro do Império, Bernardes de Vasconcelos, um dos fundadores do Colégio Pedro II, assim se pronunciou:

E a mocidade de par com as doutrinas, que hão de formar o seu coração e aperfeiçoar a sua inteligência, aprenderá a respeitar as leis e as instituições, e conhecerá as vantagens da subordinação e da obediência. [...] e sendo principal intuito do Governo prevenir para não ter ocasião de punir, a severidade da disciplina deveria pesar mais sobre esses empregados, do que sobre os alunos, fáceis de conduzir quando a vigilância e o respeito lhes assinala a estrada. [...] (MARINHO, INNÉCO, 1938, s n de p.)

A “vigilância”, pois, deve garantir que os jovens, que “são fáceis de

conduzir” quando orientados pela disciplina, respeito e obediência, não cometam erros. A vigilância constante, entretanto, pode não somente evitar a prática das punições, mas torná-las mesmo desnecessárias. Após ter passado pela recepção nada acolhedora do porteiro, pelo trote aplicado pelos veteranos e pela primeira punição da privação de saída no fim de semana, o estudante revela que sentiu a decepção, a dor e a solidão. Chegou até pensar que tudo aquilo estava relacionado à sua condição de empobrecimento e por estar em lugar que não era seu de direito: “Aquele camisa de dormir, por exemplo. Roupa do colégio, roupa não minha, roupa de aluno gratuito. [...] mas naquele dormitório, naquela camisa, naquela alva, naquele sambenito – minha sensação de aviltamento era total.” (BC, p, 284). Era preciso cumprir a primeira privação de saída e, segundo Nava, aquele sábado era um “sábado de ira”:

Chegou o dia da privação de saída cominada pelo Goston... Justamente ele, que estava de serviço, à hora de levar os redimidos para vestirem suas roupas feridas, clarinou triunfante: os Senhores Pedro da Silva Nava e Coracy de Oliveira Cruz, fora de forma! e recolham-se à sala da Quarta. [...] O pobre era surdo e nem sabia que perdera a saída. Algo acontecera, houvera uma parte – alguma confusão não percebida de dentro de seu mundo sem sons e cheio de equívocos. Seguimos chorando. Na sala da Quarta esperava o Inspetor Nelson, cara bicornuta, charuto fumegando. (BC, p. 321).

Os dois novatos, Pedro e Coracy, procuraram carteiras próximas, mas o inspetor advertiu-os que sentassem distantes um do outro como estavam os demais que já ocupavam a sala. “Nos receberam com risinhos de mofa e fazendo por baixo das carteiras o sinal de – dentro! Olhei com repugnância o grupo de caras de bronze a cujos olhos não subia o queimar das lágrimas, a cujas faces não chegava a púrpura do pejo naquela hora de vergonha. [...] continuávamos a chorar.” (BC, p. 321). Aos poucos o menino foi reconhecendo quem realmente eram os companheiros de privação e constatou que estava entre meliantes, agressores, insolentes, intratáveis de péssimo comportamento. “O Coracy e eu estávamos aterrados de estar na mesma jaula dessa quadra perigosa. [...] A companhia dos outros privados me enchia de horror. Eu tinha a impressão de ter rolado de minha posição moral, de estar indo de déu em déu e chafurdando num banho de merda com bandidos e assassinos, desordeiros e ladrões. Ai! de mim!” (BC, p. 322).

Pedro Nava afirmou que mal sabia ele que aquela era só a primeira de uma longa série de punições ao longo dos cinco anos de colégio, sem passar um mês sequer sem privação de saída. O menino tinha resposta fácil e firme, era insolente e de riso solto, insultava os inspetores até na forma acintosa de lhes dirigir o olhar e era sempre privação na certa. Assim, ficar privado de saída tornou-se um hábito e logo seu julgamento a respeito dos

punidos mudou: tornou-se íntimo e admirador dos relapsos e transgressores contumazes:

Ao contrário do que eu julgara, aquilo era justamente a aristocracia moral do colégio – seus insubmissos, contestantes, revoltados, protestatários e litigantes – o avesso dos oportunistas juvenis, dos meninos bem-pensantes que auxiliavam os inspetores a tomarem conta dos colegas, dos partistas e dos mais-que-perfeitos que subiam no oficialato do Batalhão Escolar. Nele jamais consegui sequer, a tripa de anspeçada. (BC, p. 323).

Antes de receber a privação de saída, os alunos poderiam receber outras punições como a de ficar sem recreio, uma ou várias vezes, meia ou inteira privação de saída, de um ou dois domingos, dependendo dos motivos, que podiam ser muito simples, pois casos considerados graves eram punidos com suspensões ou expulsões. Para os casos simples bastavam ataques de riso, as chulipas, as conversas na fila dos desfiles militares, dos dormitórios ou da sala de jantar, alguma injúria aos colegas, as besouradas, os arrasta-pés a posse de cigarros ou livrinhos de safadezas, atentados contra o prédio, riscar ou desenhar nos muros, cuspir no chão, ser apanhado em lugares proibidos como salas vazias e dormitórios, flagrante de masturbação, discussão com os bedéis, olhar acintoso, desaforos.

Passado o primeiro fim de semana em privação, a chegada da segunda-feira assegurava a volta à normalidade: “Sabia-se que nessa data mágica todos os alunos teriam chegado e que os professores estariam a postos para o começo das aulas. Era o banquete anunciado por tio Salles. Era a verdadeira viagem sempre começada jamais findada... eram as aulas, as aulas, as aulas...” (BC, p. 334).

A ROTINA INTERNA DO COLÉGIO: OS ESTUDOS, OS RECREIOS E OUTROS RITUAIS

“Nas primeiras horas da segunda-feira em que iam começar nossas aulas, eu e os outros alunos gratuitos fomos conduzidos à biblioteca do Colégio para o cerimonial de receber livros e material didático que o colégio nos fornecia.” (CF, p. 5). Essa entrega de material era feita de acordo com Extrato do Regulamento (1909, s/n p.): “Aos alumnos gratuitos serão fornecidos, por conta do estabelecimento, enxoval igual ao dos contribuintes, bem como os livros de estudo. A todos os alumnos serão fornecidos pelo estabelecimento papel, pennas, tinta e mais objetos necessários para o trabalho das aulas.” Os alunos recebiam, segundo Pedro Nava, cadernos com seus nomes na capa, os dicionários, os livros, as gramáticas, a Antologia Nacional, um atlas, o volume de Os Lusíadas, entre outros materiais

acrescidos a cada ano. Esse material foi repassado pelas mãos do Doutor Elpídio Maria da Trindade, Bacharel em Direito, Bibliotecário do Internato do Colégio de Pedro II. Depois da distribuição dos materiais, o bibliotecário apresentou as preciosidades que a biblioteca continha: “A camiliana, A camoniana. Romances e gramáticas, geografias e poemas. [...] e a jóia suprema: uma edição do *Don Quijote de La Mancha*, [...] Quando tivéssemos uma vaga ou quiséssemos sacrificar o recreio – continuava o Trindade – podíamos vir, beber e aproveitar. Voltei, bebi e aproveitei.” (CF, p. 6-7).

E para seguir a rotina: “Ao bater da sineta às oito horas em ponto, já estávamos – compêndios arrumados, cadernos, lápis, penas, borrachas - tudo em ordem, para *o trocar livros*.” (CF, p. 70). De acordo com Foucault (1987, p. 140): “O aluno deverá aprender o código dos sinais e atender automaticamente a cada um deles”. Isso para que tudo ocorra dentro da ordem, pois duzentos meninos a trocar livros precisavam ir de acordo com suas divisões: “É que éramos quatro divisões administrativas no colégio. Quarta: meninos de 11, 12, 13 anos; Terceira - os de 12, 13, 14; Segunda, os adolescentes de 14, 15 e 16; Primeira - os barbudos de 16, 17, 18. Esse agrupamento por idades não correspondia aos letivos.” (CF, p. 70). Depois do estudo cada um, com seus pertences, ocupava o seu lugar na sala onde o respectivo ano teria aulas.

Antes das aulas, às nove horas, era servido o almoço. Depois desse, engolido às pressas pela expectativa das aulas, a de Língua Portuguesa “foi servida às dez horas, pelo mestre José Júlio da Silva Ramos”, como declarou Nava. Entre aula e outra, tinham algumas vezes hora vaga para revisão de matéria, elaboração de colas, leituras de romances ou outros livros que não faziam parte do material distribuído: os livrinhos de sacanagem. Depois da última aula ou da última hora vaga, havia rápido recreio para uma higiene também rápida e a colocação de um colarinho engomado, “o permanente”, indispensável para os exercícios militares, para falarem com o Quintino - um dos inspetores - e para o cerimonial das refeições. E assim, na sucessão de outras aulas, o jantar era servido às quatro horas.

O grande recreio, depois do jantar, era ocupado com correrias, jogos habituais, comentários entusiásticos sobre as primeiras aulas. A saída para o recreio, sempre em duas filas, era com o comando de debandar pelo inspetor Goston. Depois do recreio, a fila à espera da pancada do relógio-armário, localizado em um dos lados da sala de refeições. Essa, com “Quatro mesas imensas de mármore branco. Bancos sem encosto, aos lados, para os alunos. Cadeiras, nos extremos: uma para o inspetor da divisão e a segunda outorgada ao *cabeceira*, isto é, a um aluno escolhido entre os de comportamento exemplar”. (CF, p.7).

Nava conta também que eram cinquenta alunos em cada mesa de mármore sem toalha. O vigilante Quintino se posicionava sob um quadro da Santa Ceia, fixado em uma das paredes do refeitório. Inexperiente e querendo fazer amigos, Nava indagou-lhes os nomes e informaram-lhe que não se falava à mesa.

Continuando a ordem do dia, às seis horas começava o grande estudo da noite. Mas, nem todos estudavam. Para o narrador: “Variante do estudo e talvez a mais penosa, era a preparação das colas – tarefa que, além do esforço, exigia arte e paciência. Eram tão difíceis de confeccionar que, ao fim, o ponto nelas copiado ficava sabido.” (CF, p. 41). Também havia o estudo entre aluno e aluno para casos complicados de equações, traduções e outros casos. Outro ritual era o de ir ao banheiro ou ir “lá fora”. Ao bater das sete horas o inspetor comandava a partir dos primeiros de cada fila, dessa forma vinte e dois meninos saíam por vez para as latrinas, mesmo sem vontade, só para interromper o tédio do estudo. Quando chegava a hora de deitar, a rotina era a de fazer fila do lado de fora de cada divisão, todos de frente para o centro do prédio, sob o comando dos inspetores: “À direita, volver!” – “Vamos!” (CF, p. 58). A maneira mais eficiente de obter a ordem, encontrada por quem exerce a disciplina, os bedéis, é a chamada para a fila. Dispor os alunos em fila, cada um no seu lugar, de acordo com o tamanho de cada um, permite que todos sejam vistos e que cada um saiba qual é o seu lugar, assim como o vigilante também o saberá. Tudo feito em silêncio para o restabelecimento da ordem e da individualização, como explicado por Foucault (1987, p. 125):

Na disciplina, os elementos são intercambiáveis, pois cada um se define pelo lugar que ocupa na série e pela distância que o separa dos outros. A unidade não é, portanto, nem o território (unidade de dominação) nem o local (unidade de residência), mas a posição na *fila*: [...] A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implanta, mas os distribui e os faz circular numa rede de relações.

Assim, cada um que chega é coagido a obedecer a uma classificação e organização já instituídas e legalizadas. A intimidação faz com que cada um ocupe seu lugar na fila obedecendo à ordem estabelecida e o respeito aos veteranos e mais velhos até que, com o passar do tempo, se insira nesse processo de naturalização do disciplinamento.

Depois de todos os alunos estarem posicionados em filas, no centro do

prédio, os inspetores batiam várias palmas. Todos entravam no refeitório e aguardavam, sentados, serem servidos às oito horas em ponto. A ceia era pão com manteiga e chá ou mate, à escolha. Nava foi advertido pelos colegas a guardar o pão da noite, porque na refeição da manhã seguinte serviam apenas café. Depois dessa refeição era a subida direto, sem escovar os dentes, para o dormitório.

“O dormitório da Quarta Divisão era conjunto ao da Terceira. Um salão imenso. Três filas de leitos. A minha era a do meio. As camas se dispunham em ordem numérica. [...] 129, Pedro da Silva Nava, [...]”. (BC, p. 283). Segundo Foucault (1987), nos aparelhos disciplinares o isolamento dos indivíduos se faz pela localização imediata ou do *quadriculamento*: “Importa estabelecer as presenças e as ausências, saber onde e como encontrar os indivíduos, instaurar as comunicações úteis, interromper as outras”. (FOUCAULT, 1987, p. 123). Inspectores vigiavam todos, o tempo todo, em todos os locais. Depois dos meninos deitados os inspetores se recolhiam a um compartimento de meia parede, com uma janelinha que servia para lhes fiscalizarem o sono. A maioria das lâmpadas era apagada. Pela luminosidade azulada que ficava no dormitório o menino Nava visualizava os inspetores: [...] “a cara eclesiástica e marmórea do Goston (vigiando), ou a impenetrável e quadrada do Lino (vigiando), ou a triangulada pelos dois bigodes e o topete do Militão (vigiando) - foi ali, só, que vestido da murça dos meninos pobres de São Pedro, eu, seu homônimo, fiz exatamente como o santo: chorei amargamente.” (BC, 285). Para Foucault (1987, p. 123) a disciplina organiza um espaço determinado de observação para se conseguir a ordem. No caso dos dormitórios evita a devassidão e para “[...] poder a cada instante vigiar o comportamento de cada um, apreciá-lo, sancioná-lo, medir as qualidades ou os méritos. Procedimento, portanto, para conhecer, dominar e utilizar”. O despertar dos internos pela manhã era feito de forma brusca e até assustadora, pela intensidade do som das sinetas. Pedro Nava assim se refere ao ritual do acordar no dormitório do colégio: “QUANDO AQUELE SOM de pauladas me acordou eu ainda tinha a cara salgada do choro em que adormecera e na garganta, o aperto limão-galego dos soluços.” (BC, p. 286). Assim, sob o comando do inspetor e dos sons da campainha, os meninos iam despertando:

O primeiro toque foi breve, rápido como dedada catucando e a ele correspondeu um movimento estirado de corpos saindo da pedra, pálpebras se abrindo espantadas, olhos olhando ainda a terra-de-ninguém d’entre sonho e sono. Depois veio o segundo toque insistente, firme, terminante, decisivo que nem arrocho de mão que prende e castiga. Veio

contendo tudo quanto é barulho duro e desarmônico da terra – desmoronamento, rajada de tiro, terremoto e carroça. Quando o demônio da campanha parou, já estávamos de pé, pés nas botinas, pernas nas calças. Apesar das janelas abertas, fedia. [...] Havia um *rush* para os baldes de mijo e o nosso Goston [inspetor] corria entre as camas ferroando os mais vagarosos. Vamos! Vamos! Vamos depressa pros lavatórios. [...] estávamos prontos para o dia e a vida. Eu, mal disposto com ela. (BC, p. 286).

Os lavatórios ficavam no saguão de cima, onde se abriam os corredores que enquadravam o poço de ventilação, as enfermarias, as portas da Segunda Divisão, da Rouparia, do Gabinete Dentário, do dormitório da Quarta Divisão. O lavatório “Tinha as paredes cercadas de pias, mais pias ao centro, umas e outras dispostas numa espécie de móvel - madeira em baixo e por cima um mármore grosso, de sepultura, que se rebatia nas paredes, até onde podiam chegar os pingos. Logo, mais alto, os espelhos.” (BC, 285). Como fossem duzentos alunos, as torneiras, em torno de umas quarenta, eram disputadas. “Passavam na frente os maiores, os mais brutos. [...] Uma escovadela nos dentes, uma bochechada, mão molhada pela cara e pelos olhos para tirar o mingau-das-almas, um sumário pente e pronto!” (BC, p. 285). Além de estranhar a presença vigilante dos inspetores o menino amarga o sentimento de solidão, a experiência do isolamento, a rotina dos primeiros dias marcada por uma sucessão de incidentes e todos eles guardados e revisitados no seu aniquilamento:

[...] completamente arrasado pela véspera que insistia e voltava batendo: a dureza do Faria, a indecência do Meio-Quilo, a maldade do Andréa, a torpeza do *Papai Basílio*, o bolo humano, as porradas, a incompreensão do Goston, a parte, o divino Quintino, a privação de saída, o Bello, a solidão dos estudos, a solidão dos dormitórios. Senti que era impossível agüentar essa coisa quatorze dias a fio, já que perdera a saída-oásis logo no primeiro sábado. Ai! Seriam pois duas semanas infundáveis daquelas horas vagas, naquele ambiente que dessorava a sensação aniquiladora que sempre repito quando o acaso me leva a lugares impessoais e sem dono como um orfanato, um areal, uma prisão, asilo, cerrado, caserna, plataforma de estação, kibboutz. (BC, p. 286).

A primeira saída semanal Pedro Nava havia perdido logo nos seus primeiros dias de internato. E outras, muitas, ele veio a perder no decorrer dos anos em que ficou no colégio. Mas, o que acontecia, como era passar o fim de semana em privação? E para os que saíam, como se dava esse ritual?

A SAÍDA SEMANAL – QUEM SAÍA E QUEM FICAVA

Aos sábados, enfim, as saídas do colégio. A espera por este dia animava os estudantes. Estar em casa com os tios e retomar a rotina dos passeios que faziam pelas ruas da cidade era a grande alegria do menino Nava. Era o fim de semana passado em casa e na rua, uma euforia geral. “Ah! As horas exemplares - horas horas minutos segundos que eu tinha vontade de captar como quem colhe uma flor, fazendo um ato presente entre dois nadas. Ah! Instantes de perfeita felicidade nas ruas do Rio, nos dias de saída do colégio, naqueles sábados cheios de meninos [...]” (CF, p. 72). Mesmo acostumados com o regulamento, com os horários e a rotina do internato, a hora da saída, para o interno, era a da liberdade.

Manter os estudantes no regime de internato, sem contato frequente com a família, facilitava ao interno adaptar-se às normas da escola, conviver em grupo, direcionar seu tempo apenas para os estudos, obter o êxito escolar almejado pelos pais e, mais ainda, aceitar com normalidade o controle. “[...] para garantir o estatuto desses discentes, esse gênero de escola tende a controlar de maneira estrita o tempo, as relações, o espaço e, em certa medida, a personalidade dos alunos.” (ALMEIDA; NOGUEIRA, 2002, p. 132). Adequar-se ao regime de internato, ambientar-se com as normas e com a disciplina imposta, era inquestionável. Era assim a ordem estabelecida. Cumpria a escola, cumpria a família e moldava-se o estudante. O regulamento de criação do Colégio Pedro II, no que concerne aos alunos, esclarecia que, se cometessem erros, deveriam receber punições. Assim, o Estado deveria garantir que “arraigassem desde cedo na mocidade o horror ao crime, a aversão à indolência, o cuidado dessem deveres, o de mandar sem despotismo e obedecer sem servilismo”. (DÓRIA, 1997, p. 25).

Os estudantes que conquistavam o dia de saída, de acordo com o relato de Pedro Nava, eram conduzidos aos dormitórios depois da última aula do dia e lá encontravam as roupas sobre as camas, o uniforme e os calçados de saída. Os inspetores passavam em revista os cabelos que deviam estar bem penteados, as golas, os colarinhos, os punhos e as túnicas bem abotoadas. “Era fantástico, lembravam formalidades da Marinha Inglesa, cerimoniais da Corte d’Áustria - o ritual, a pragmática, a liturgia de nossa saída semanal [...]

Descíamos ao saguão central, formávamos [...] Estacávamos petrificados, à porta do Salão de Honra todo aberto àquela hora, suas janelas dando no dia no céu no roldão das nuvens.” (CF, p. 36). O dia da saída era diferente na vida dos meninos e até os inspetores se transformavam, surgindo sorridentes e simpáticos para o ritual que prosseguia: “Ficávamos imóveis naquela porta aberta para as claridades e víamos sair da direita baixa um Quintino trazendo um maço de cartões. Era outro homem, sorridente e próximo, o que nos estendia, primeiro o impresso, depois sua direita para a despedida até segunda-feira.” (CF, p. 36). O cartão de autorização de saída dado pelo inspetor Quintino deveria ser apresentado ao porteiro Faria “[...] um Faria de bigodeira rossa em guirlanda festiva, que tomava o bilhete-viático que lhe trazíamos e apontava a porta escancarada Sésamo aberto pela virtude de palavra gravada na cartolina.” (CF, p. 36). Posteriormente, esse cartão de saída teve alterada a palavra Exeat – substituída pela palavra *Sahida*, na administração do diretor Carlos de Laet, que ocupou o lugar de Araújo Lima.

Para Pedro Nava essa mudança de palavra não alterou em nada o que representava o dia de saída – “Mudou a palavra, mas não mudou o ouro do dia - porque hoje é sábado! Nem mudaram nossos corações forros de alegria solta - porque hoje é sábado! Era essa alegria que nos espalhava na rua e nos fazia reagrupar na ruarua. Subíamos e descíamos os degraus escadaria de cantaria [...]” (CF, p. 37). E assim os grupos de meninos iam ganhando a rua e seguiam para o Museu, rumo à Praça da Bandeira, aos seus bairros. “[...] Cidade. Saudade...” (CF, p. 37).

Já, os estudantes que eram privados da saída semanal seguiam uma rotina maçante, desoladora. Nava, que por inúmeras vezes sofreu essa privação, a descreveu em detalhes:

[...] Eram quase quarenta e oito horas de desolação. Era um Saara indo da última aula de sábado à primeira de segunda-feira. O condenado passava diretamente às geenas depois do *guardar livros*. [...] para a punição ser completa, tinha, também, o condimento poder do tédio. Proibido estudar, tocar nos compêndios. O desgraçado olhava as paredes ou fitava frente a frente às Fúrias do próprio remorso. Mudava de nádega dormente na carteira, até a hora do jantar. Engolia em triste silêncio. Novamente sala até às oito da noite. Chá, mate. (BC, p. 332).

Chegada a hora de dormir, essa deveria ser de alívio diante do dia

transcorrido, no entanto, nada melhorava a solidão e o deserto dos ambientes: “Dormitório. Esse era horrendo, assim vazio, condenado aqui, condenado lá, camas desabitadas às dezenas, duras, brancas, feito mesas de necrotério. Na primeira privação [...] ficamos num dormitório de cem leitos como se estivéssemos um em Urano e o outro, em Saturno.” (BC, p. 332). Os inspetores não permitiam que dormissem em camas próximas. Cada um dormia na sua própria cama, obedecendo a sua numeração e nada de fazer trocas. Outra privação que sofriam era a do banho. Suavam, fermentavam e fediam até segunda-feira e não tomavam banhos, nem de sol. A rotina era: “Café, sala, almoço, sala, sala, café do meio-dia, sala, salassala jantar, sala, mais sala mais e mais até o chá-mate e outra vez o túnel do dormitório que abria segunda-feira num resto de sala até chegarem os colegas-anjos-custódios para nos arrancar daquele purgatório.” (BC, p. 332).

Pedro Nava não entendia o porquê das privações de saída serem cumpridas na sala da Quarta Divisão [sala dos alunos ingressantes]. Acabou por deduzir que era por ser a sala com carteiras menos confortáveis e pelo fato das janelas darem para uma parede murada, tornando-a mais sombria e com aspecto carcerário. “O fato é que era a sala eleita para o oco das privações de saída. Ai! decorei suas paredes azuladas, o grande armário pardacento do fundo, o negro quadro-negro no seu cavalete, a esquelética escarradeira Fernandes Malmo ao lado do estrado magistral em que se colocava o inspetor lendo jornal amplamente aberto.” (BC, p. 333). Esse jornal assim aberto era, segundo Nava, uma emboscada, pois era todo cheio de furinhos feitos com ponta do fósforo, por onde o inspetor podia vigiá-los sem ser percebido.

A dificuldade maior que os meninos encontravam para passar o tempo era a de não serem surpreendidos nas leituras clandestinas de Nick Carter, Sherlock Holmes, Buffalo Bill, Rafles e ainda as leituras de livros e romances de safadezas. Essas leituras eram propícias às práticas de autogratificação sexual. Para realizar as leituras pornográficas, nos dias de privação de saída, os estudantes usavam o truque de despedaçar os livrinhos, colocando folha por folha no bolso interno da calça de uniforme, do lado direito, para tirar uma de cada vez. “Punha-se no colo. Fazia-se toda a mímica de uma violenta dor de cabeça e mão na testa, olhos baixos, devorava-se a safadeza. Olho na obscenidade e olho no inspetor. Se ele se mexia, a folha era logo enfiada no esconderijo indevassável, [...] a braguilha adrede deixada aberta.” (BC, p. 333). A parte lida ia para o bolso esquerdo, de dentro do uniforme. E o livro todo desfolhado ia passando de um colega para outro, enquanto os inspetores que os vigiavam também eram vigiados e analisados pelos alunos: “Repousava-se da pornografia, estudando o olho lacrimejante e a crosta esbranquiçada da beijola do Candinho; a meia venta do Pires; o

queixo romano do Lino; o bigodinho do Seu Salatielzinho; o bigodão do Seu Militão; a sarça ardente do Néilson e seus charutos etnas, estrombolis em plena atividade.” (BC, p. 333-334).

Quando os alunos se cansavam de olhar para os inspetores ou de detalhar o Goston ou o Oliveirinha ou o Meneses – “para desentorpecer as pernas, usavam de um direito dos alunos, direito sagrado! até para os canalhas privados de saída.” (BC, p. 334). Eles se levantavam e iam gingando escarrar no recipiente cheio de creolina que ficava perto da mesa, se esticavam e voltavam bem devagar para os seus lugares. Nava lembra que se entregava a viagens maravilhosas percorrendo os mapas encaixilhados nas paredes. Distanciava-se, de pólo a pólo, por todos os continentes, países, cidades, oceanos, ilhas, idas e chegadas. “[...] Rio de Janeiro, praias brancas de São Cristóvão, o colégio, a sala, a sala, a sala, a sala, a salassalassala até amanhã, se Deus quiser! Segunda-feira.” (BC, p. 334).

Na sua primeira privação de saída Nava sentiu-se aviltado ao extremo do que pode suportar um ser humano. Viu-se em meio ao que havia de pior da espécie de canalhas do colégio. Mas, com o passar do tempo teve-lhes simpatia e começou a fazer parte do grupo de desordeiros. Estava entre os que tinham de quatorze a dezesseis anos e considerava que não eram mais meninos: “Já conhecíamos o bem, o mal, a merda nossa de cada dia, já tínhamos formado amizades e repulsas que durariam vida afora. A pequena amostra do internato nos formara da humanidade.” (CF, p. 160). Nava afirma ter sido influenciado por um aluno “saudavelmente mal-comportado”. Descobertos pelos inspetores, juntos tiveram inúmeras privações de saída.

Meu comportamento descera a tudo que havia de mais baixo e eu contava pelos dedos os sábados livres. Passava, às vezes, mês inteiro privado. Parte do Lino. Parte do Candinho. Iniciativa do Quintino. Ordem de prisão emanada do Capitão Batista. Usava o boné sem sua armação metálica, rebatia-o cafajestemente sobre a orelha direita, fazia parte do pior grupo do colégio e rejubilava-me com a camaradagem dos réprobos da Banda de Tambores e Cornetas. (CF, p. 160).

O menino recebeu ainda muitas outras privações de saída, mas somente até o quarto ano. No quinto, já amadurecidos e com bom comportamento não recebiam mais essas punições, pois ganhavam a confiança dos inspetores e Nava veio a ser um aluno merecedor de méritos e honras escolares.

Os uniformes – um modelo para cada situação

Naquele primeiro sábado saí sozinho para o centro: errei subi descii perguntei e achei, comovido, As Quatro Nações, a casa famosa de confecções onde se cosiam os uniformes de quase todos os colégios do Rio de Janeiro. Ficava numa das esquinas de Buenos Aires e Ourives. (CF, p. 37-38).

Segundo Lonza (2005), ao longo da história da humanidade o homem desenvolveu um modo diferenciado de viver e de se vestir, com o propósito de enfrentar as vicissitudes da natureza e de marcar a identidade própria de seus grupos, tribos, clubes, associações, times, escolas e até classes sociais: “Todos se uniformizaram para melhor caracterizar sua categoria ou função dentro de um contexto pré-determinado e diferenciá-lo das outras.” (LONZA, 2005, p.18). Assim, na sociedade atual todos conseguimos identificar, por suas vestimentas, alunos de escolas, funcionários de empresas, de clubes, militares, vigilantes, jogadores de futebol, médicos, entre outros profissionais. Ainda, de acordo com esse autor, assim como se percebe nitidamente a diferença da vestimenta de um boxeador e um jogador de basquete (e assim por diante), também as cores sempre foram vistas como elemento de suma importância na uniformização, pois, além de identificar os pares, caracterizam o símbolo de um grupo, de um time ou do país. O uso do uniforme nas escolas é definido por este autor como o da indumentária imposta: a partir do momento da matrícula a escola se torna responsável pelo aluno e este deve, em troca, honrar o nome, as cores e a tradição dessa escola por meio do uso do uniforme. Assim, “Numa escola, ninguém pergunta ao aluno como ele deseja se vestir, é obrigatório o uso do uniforme previamente estabelecido pela direção e ponto final. Quem não aceitar cria um impasse de difícil solução.” (LONZA, 2005, p. 21).

Por outro lado, o uniforme é visto como parte da disciplina, pela necessidade dos alunos serem caracterizados pela vestimenta, identificando-lhes com o nome da instituição, a tradição, o método e características pedagógicas, o nível de ensino, a postura perante a sociedade e as outras escolas. “Em segundo lugar vinha a disciplina: era condição [...] que o aluno começasse a se engajar no contexto social através da aceitação de imposições regulamentares, para que se acostumassem desde logo a obedecer às regras de convívio da sociedade.” (LONZA, 2005, p, 22).

Pedro Nava fez parte do rol de alunos de um colégio histórico, símbolo de *status* social e que seguia a tradição da indumentária. “[...] Alguns alunos até se orgulhavam de pertencer a determinados colégios, pois dava status; eram caros, tinham tradição, história e – não raro - um lastro grande de formandos ilustres.” (LONZA, 2005, p, 22). Na época em que Pedro Nava estudou no Pedro II os alunos usavam três tipos de uniformes. O primeiro era uma túnica fechada, com ramos de carvalho bordados a ouro, além de outros detalhes, como:

Só oito botõezinhos dourados tendo em relevo a esfera armilar realenga que a República esqueceu nas armas do Colégio Pedro II: dois em cada manga, dois em cada falso bolso. Botinas de elástico. Boné do mesmo pano do uniforme, armado como os russos, por cercadura metálica de meio centímetro de largura, logo substituída por aro simples. [...] Jugular de verniz preto como o da pala. Fiel dourado com dois nós - direitos. (CF, 38).

Para as formaturas “[...] o forro do boné mudava para linho branco – como os das luvas de algodão e o das polainas de lona.” (CF, p. 38). Nava disse não ter usado esse uniforme. No tempo dele usavam, para as paradas, o segundo uniforme: “Este era cáqui, roupa habitual dos alunos do Externato e de saídas dos do Internato, nas semanas mais quentes do princípio e fim do ano. Dólmã fechado, tendo de cada lado da gola, em fundo de tré, um ramo de carvalho de metal branco. “[...] Os botões eram de massa negra e os alfaiates ora os forneciam com a esfera armilar e a cercadura de estrelas ora com uma torre e sobre ela estrela única”. (CF, p. 38). O uso dos uniformes também evidenciava a rivalidade entre os estudantes de diferentes estabelecimentos. Esses botões que Nava descreveu ficavam nos bolsos das túnicas – e na parte posterior, em bolsos falsos ficavam três de cada lado, isso era motivo suficiente para seus rivais (alunos de outras escolas) tirarem vantagens:

Eram, pois, seis e deles derivava o apelido que nos davam os nossos rivais do Colégio Militar – *Seis no Cu*. Como eles tivessem no boné de formato francês um florão onde se enlaçavam o C e o M, iniciais da instituição, revidávamos com a alcunha – *Cachorro Matriculado*. Um ódio de morte separava os *Seis no Cu* dos *Cachorros Matriculados* e seus encontros de rua geralmente cumulavam no pugilato. Só em grupo muito grande ou sem farda é que nos arriscávamos a passar na Rua São Francisco Xavier [...] assim como eles tinham sempre os mesmos cuidados. (CF, p. 38-

39).

O terceiro uniforme era como: “roupa de presidiário que só o internato conhecia. Era todo cáqui, tendo de tré os canhões das mangas, a gola do dólmã e uma guarnição de dedo de largura cercando o gorro redondo. Era sinal de protesto usá-lo para a nuca e sempre com a costura posterior descosida. Assim guardo até hoje o que usei no último ano de colégio.” (CF, p. 39). As botinas também variavam de um uniforme a outro: “As do primeiro e segundo uniforme eram pretas, inteiriças, de elástico. As do terceiro, sempre inteiriças e de elástico, mas dum couro cru, cor de pelica branca ou dum amarelo cadaveroso – que era bem pintar com a tinta azul dos tinteiros e brunir depois com graxa preta.” (CF, p. 39). Pedro Nava, depois de apresentar detalhadamente os uniformes, se indaga sobre o que ainda resta a dizer sobre eles: “Que mais lembrar? das nossas roupas de colegiais. As meias anêmicas de fio grosso? Nossas camisas de peito duro? A pelerine azul de botões dourados? servindo só para a saída e a Cidade. Porque ninguém ousaria envergá-la no recreio, fizesse o frio que fizesse.” (CF, p. 39). Segundo Nava, se alguém ousasse colocar a pelerine num dia normal de aula, corria o risco de tê-la enrolada à cabeça, com um enorme bolo humano sobre si até sentir-se cego e sufocado, pois para eles macho não sentia frio. Para os estudantes dos colégios de elite e principalmente na época correspondente à *Belle Époque*, em que o Rio de Janeiro estava imerso numa onda de *glamour*, com as novas construções e avenidas: “A Avenida Central, totalmente reformada, era o palco preferido para os desfiles das senhoras elegantes que faziam compras no sofisticado comércio, parando para tomar chá na Confeitaria Colombo, sempre admiradas pelos estudantes uniformizados em fardas que, de longe, identificavam a que colégio e turma pertenciam.” (LONZA, 2005, p. 64).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que esse estudo objetivava entender alguns aspectos relacionados ao mundo escolar brasileiro do início do século XX, este artigo pretendeu apresentar como o estudante Pedro Nava retratou alguns aspectos do seu cotidiano como aluno interno no Colégio Pedro II, fundado para formar os filhos da elite dirigente do país e para servir de modelo curricular para as demais instituições de ensino secundário no país.

As obras que compuseram o corpus deste estudo foram os três primeiros volumes das memórias do médico e escritor Pedro Nava: *Baú de Ossos*, *Balão Cativo* e *Chão*

de Ferro. A leitura de sua obra permite compreender a sua formação escolar, sua herança intelectual e a rede de relações sociais e familiares que constituíam o capital cultural e social de sua família.

O Colégio Pedro II foi a escola que permitiu que Nava chegasse à carreira de médico, pois lhe abriu as portas para o ensino superior. Assim como abriu a outros inúmeros brasileiros ilustres que formou e dentre os quais podemos citar alguns que se tornaram presidentes da República: Francisco Rodrigues Alves, Hermes da Fonseca, Nilo Peçanha e Washington Luís. Além destes, lá estudaram: Alvares de Azevedo, Joaquim Nabuco, Visconde de Taunay, Paulo de Frontin, Carlos de Laet, Pederneiras, Antenor Nascentes, Manuel Bandeira, Afonso Arinos de Melo Franco, Prudente de Moraes Neto, Tristão de Athayde, Raul Pompéia, Osório Duque Estrada, Dom Pedro de Saxe e Bragança, Raimundo Correia, entre outros.

Essa escola destinada ao ensino das humanidades fez de Nava o humanista que, a exemplo de seus mestres, desejou ser. A rotina de um colégio interno de elite, fundamentada em disciplinar, punir, educar e formar homens de bem e futuros representantes das classes dirigentes da nação, era aceita com naturalidade por quem lá deixava os filhos; assim como por quem lá estudava, pois sabiam que deveriam aceitar as regras do jogo escolar, já que o insucesso, isto é, uma reprovação, era motivo de grande decepção familiar.

Na sua trajetória escolar, o escritor Pedro Nava viveu a rotina do internato, cumpriu o currículo padrão nacional, desempenhou o seu papel de aluno e contou com uma educação que o levou a ser um cidadão e profissional de prestígio.

THE INTERNAL DYNAMICS OF A BRAZILIAN ELITE SCHOOL BASED ON THE MEMOIRS OF PEDRO NAVA

Abstract

The purpose of this study is to find the relevant aspects of the Brazilian education milieu in the early twentieth century by assessing the memoirs of Pedro Nava in his books *Baú de Ossos*, *Balão cativo* and *Chão de ferro*. It also intends to understand social relationships in present day school routine and school context as a means of the education of human beings. In order to understand the educational environment of the works under study, two assumptions were used: the writer performs as the mediator of social structures that reach their goal via a literary work, and the study of the work are conducive to take advantage of the properties of the literary discourse. Literary discourse introduces at the same time the socio-analysis of both literature and the social world, e.g. the education milieu. Qualitative-based methodology was carried out as bibliography research, studying documents and collecting testimonials. Studying a literary work is relevant to understand the internal dynamics of an elite Brazilian school of the first decade of the twentieth century given the exemplary nature of the work at hand.

Keywords: Pedro Nava. Education. Colégio Pedro II. Literature. Memoirs.

Referências

ALMEIDA, Ana Maria F. de; NOGUEIRA, Maria Alice. (orgs.) **Escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu.** Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BORDIEU, Pierre. **Sociologia.** (Org.): ORTIZ, Renato. São Paulo: Ática, 1994.

_____. **As regras da arte.** Gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

_____. **Razões Práticas:** sobre a teoria da ação. Trad. Mariza Corrêa. Campinas, São Paulo: Papirus, 1996.

_____. **Escritos de Educação.** (Org.): NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio. 2 Ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

DÓRIA, Escragnolle. **Memória-Histórica do Colégio Pedro II: 1837-1937.** Brasília: INEP, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir:** o nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Internato do Gymnasio Nacional do Rio de Janeiro.** Lisboa: Typographia da “A Editora”, 1909.

GARCIA, Celine Fontenele. **Nava e a aquisição da sua identidade cultural.** Revista do GELNE, v 3, n 01, 2001. Disponível em: Acesso em: 18 jun. 2010.

LONZA, Furio. **História do uniforme escolar no Brasil.** Brasília, DF: Ministério da Cultura, 2006.

MARINHO, Igenesil, INNÉCO, Luiz. **O Colégio Pedro II cem anos depois.** Rio de Janeiro: Villas Boas, 1938.

MATTOSO, Glauco. **O calvário dos carecas:** história do trote estudantil. São Paulo: EMW Editores, 1985.

MELLO e SOUZA, Antonio Candido. **Literatura e Sociedade.** São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** São Paulo: Cultrix, 2002.

NAVA, Pedro. **Balão Cativo:** Memórias/2. 3. ed., Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

_____. **Baú de Ossos.** Memórias/1. São Paulo: Ed. Nova Fronteira S.A. (Licença editorial)

para o Círculo do Livro), 1983.

_____. **Chão de Ferro: memórias**³. 3. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

VASCONCELOS, Paulo Denisar. **A violência no escárnio do trote tradicional**: Um estudo filosófico em antropologia cultural. Santa Maria, RS: UFSM, 1993.

Recebido em: abril de 2011
Aprovado em: setembro de 2011